

A PRESENÇA DE EROS E PHILIA EM “A ETERNIDADE E O DESEJO”, DE INÊS PEDROSA

Tainá Alves¹; Alessandra Leila Gomes²

1. Bolsista PROBIC/UEFS, Graduada do Curso de Licenciatura em Letras com Língua Espanhola, Universidade Estadual de Feira de Santana e-mail: taialves_08@hotmail.com

2. Orientadora, Departamento de Letras e Artes, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: allexleilla@gmail.com

PALAVRAS-CHAVE: Eros, Philia, Contemporaneidade.

INTRODUÇÃO

O presente estudo parte do pressuposto de que, na modernidade, era técnica da informatização, onde os processos vitais estão em ritmos cada vez mais acelerados, é ainda grande a combinação entre amor e morte. Esse pressuposto advém da leitura de Denis de Rougemont (1998), que considera a impossibilidade de existência narrativa do amor feliz, pois, sendo o amor-paixão mortal, tudo o que há de universalmente emotivo nele o leva à morte.

Compreende-se que o pensamento geral acerca do amor, ainda hoje, é pautado na ideia de um lirismo ocidental, que por um lado exalta o amor não realizado, o amor infeliz, provocador do sofrimento da paixão, e, por outro, influencia a representação, na literatura, da eterna demanda de amor das personagens. Tal pensamento nos coloca em diálogo com as propostas de Zygmunt Bauman (2008), que nas suas análises sobre as relações afetivas desenvolve a noção de “liquidez humana”, que implica desestabilização, inconstância, culminando na superficialidade das relações humanas. O consumo de afetos na modernidade líquida é a fonte principal de satisfação, capaz de transformar o ser desejado em objeto de consumo. Os objetos, no entanto, perdem rapidamente seu poder de sedução, e, depois de consumido ao máximo, é descartado e trocado por outrem — círculo ou prática da qual o indivíduo, na condição de sujeito, não consegue se desvincular, devido à necessidade constante dos objetos, pois é a partir do consumo, da posse de novos sujeitos, que a sua subjetividade é reafirmada.

A partir dessas concepções, inserimos a leitura do romance *A eternidade e o desejo* (2008), de Inês Pedrosa, a fim de fomentar as discussões relevantes em torno do mito do amor. A narrativa da escritora portuguesa contemporânea parte de alguns recortes do drama das relações amorosas atuais. Assim, Clara, Emanuel e Sebastião, personagens de sua obra, representam três fortes tendências contemporâneas em que a confusão entre amor e amizade, presença e ausência, vida e morte, desejo e medo, efemeridade e constância, dão as cartas.

MATERIAL, MÉTODOS OU METODOLOGIA

Para esta análise, utilizamos a investigação bibliográfica, principal método orientador das pesquisas na área de humanas e, em especial, nos estudos literários. Dessa forma, a teoria citada neste artigo compreende as fases de informação acerca de autores que lidam com o tema do amor, leitura, seleção, fichamento do que foi selecionado, resumo das principais ideias e conceitos da bibliografia selecionada, e, por fim, a avaliação desse aporte teórico a fim de aplicá-lo ao romance escolhidos. Estabelecemos como apoio teórico as linhas da Literatura, Filosofia, Sociologia e Estudos Culturais, com enfoque na interpretação da autora contemporânea portuguesa Inês Pedrosa, cujo *corpus* fornece elementos para a análise do discurso amoroso deste recorte.

RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO

Em *O pequeno tratado das grandes virtudes*, Sponville, discorre acerca do amor-amizade — denominado pelos gregos de *Philia* — como condição essencial para a felicidade, pois se trata de um afeto entre iguais, desprovido de ciúmes, angústias e sofrimentos — diferentemente do amor-paixão, denominado de *Eros* na cultura grega (SPONVILLE, 1998).

Sobre o amor-paixão, ele ainda nos fala que esse é desejo do que falta, apontando para a ideia de que, na prática, o “amor não é completude, mas incompletude. Não fusão, mas busca. Não perfeição plena, mas pobreza devoradora” (SPONVILLE, 1998, p.252). Essa busca do amor eterno aparece no *Banquete*, de Platão, a partir de uma fala de Aristófanes, que revela uma crença: Eros busca no outro a sua completude. Tal ideia ainda está presente na fala e vivência das pessoas, em geral, bem como nas representações literárias contemporâneas. Furtado nos fala que na sociedade contemporânea líquida a promessa de amor eterno é uma mentira necessária, um “mecanismo de auto-engano cuja finalidade é um bem: a preservação da felicidade, evitando o desgosto de uma perspectiva em que o amor presente está fadado a um fim próximo” (2008, p.103).

É o que acontece com Clara, protagonista do livro *A eternidade e o desejo*, de Inês Pedrosa, *corpus* deste estudo. Ao apaixonar-se por Antonio, Clara relata seu desejo pela permanência/eternidade: “Eu queria ficar para sempre com aquele homem.” (PEDROSA, 2008, p.45). Contudo, tratando-se de uma sociedade “líquida”, a promessa de amor eterno só tem respaldo na arte. O mito do amor-paixão, saciado, saciante e feliz, que encontra completude no outro, dá espaço para as relações de consumo que tramitam na dinâmica desejo-consumo-extinção-novo desejo.

Uma “saída”, como mostra Inês Pedrosa no mesmo livro, é a consciência do ciclo de sofrimento do amor-Eros, e o investimento no amor *philia*, como faz Clara no romance: após perder a visão em consequência de ter levado um tiro para defender seu amado, a protagonista empreende uma viagem para o Brasil, deseja conhecer a Bahia de Padre Antônio Vieira, autor de sua predileção. Conhecedora do conceito de amor puro de Vieira, Clara ficou cega em decorrência de sua paixão por um brasileiro, que, tempos depois, a abandona. Em viagem ao Brasil, ela descobre que seu melhor amigo e guia, Sebastião a ama do mesmo modo desesperado e ilusório com que ela, no passado, se entregou — a ponto de colocar sua vida em perigo. Tendo consciência das artimanhas do amor e da sua dialética de completude-falta, ela se nega a manter tal chama acesa no amigo e nela mesma.

Platão nos diz, através de Sócrates, acerca do amor e de sua relação com a falta. Sponville comenta esse pensamento socrático: “Se nem todo desejo é amor, todo amor (pelo menos esse amor: erôs) é desejo: é o desejo determinado de certo objeto, enquanto nos faz falta *particularmente*” (2008, p.252). Por medo da efemeridade dos laços afetivos, Clara opta por conservar o amor de Sebastião em um plano simbólico: recorre ao amor *philia* e evita as consequências advindas do amor *Eros*, pois, cega no passado em virtude de ter acalentado tal crença, ela sabe que quando realizado, Eros é efêmero e tende ao fracasso:

Rogas-me que te deixe amares-me, só está noite. Prometes que amanhã de manhã voltarás a ser o meu amigo que eu quero. Mas é sempre como amigo que eu te quero, Sebastião. Não posso perder isso, ou perco tudo. Amantes há muitos esboram-se com a madrugada [...] Amo-te como amigo Sebastião. Acredita que é esse amor que dura [...] Agora só te tenho a ti e não quero perder-te a troco de uma noite de sexo. Por que sei que te perderia, Sebastião. E não aguento mais perdas[...] (PEDROSA, 2008, p.120).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Clara expressa um medo comum dos indivíduos na contemporaneidade que, inseridos em uma sociedade de “relações líquidas”, sabem que a qualquer momento poderão ser excluídos do centro da vida do outro. Assim, empreendem esforços para ser, antes, o sujeito que detém o poder ou a prerrogativa de agir, ou seja, de excluir o outro. Entretanto, a narrativa de Pedrosa aponta outra saída: a relação equilibrada e consciente entre os sujeitos. Em vez de tomar o outro como objeto, Clara, ora cega fisicamente, consegue enxergar Sebastião no mesmo plano em que ela está e propõe a ele a manutenção dessa transparência na relação.

Com esses conflitos, Inês Pedrosa mostra a consciência da efemeridade dos laços afetivos na sociedade contemporânea, não ignorando, entretanto, a permanência e o cultivo do amor-paixão, mitificado pelo senso comum, mídia e na própria formação dos indivíduos que são criados para alcançarem o platô: emprego dos sonhos, casamento dos sonhos, casa e carro dos sonhos, filhos dos sonhos. Esses mecanismos de fabricação do mito da felicidade burguesa estão fadados ao fracasso, uma vez que, mesmo alcançados, não suprem as demandas humanas — que são dinâmicas e jamais acabadas. Assim, os bens materiais alcançados igualam-se aos bens simbólicos-afetivos e tornam-se insuficientes ou banalizam-se, frente às novas necessidades dos sujeitos. O desejo luta com a eternidade no romance de Pedrosa, porém, é a personagem que está cega que lê as impossibilidades desse combate ter um final feliz.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Trad. Mauro Gama e Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- PEDROSA, Inês. *A eternidade e o desejo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.
- PLATÃO. *O banquete*. In: *Diálogos*. Trad. José Cavalcante de Souza. São Paulo: Abril, 1972.
- ROUGEMONT, Denis de. *História do amor no Ocidente*. Trad. Paulo Brandi e Ethel Brandi Cachapuz. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.
- SPONVILLE, André-Comte. *Pequeno tratado das grandes virtudes*. Trad. de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, São Paulo, 1995.
- FURTADO, Pedro Calabrez. A mentira necessária: um ensaio sobre a promessa de amor eterno na sociedade contemporânea. *Revista Contemporânea*, nº10, ESPM, São Paulo ESPM, 2008, pp.94-105.